

O Ensino Médio Integrado no Instituto Federal Catarinense - *Campus* Ibirama: oportunidades e dificuldades na percepção de discentes ingressantes

Luana Cristina Gonçalves⁽¹⁾ e
Humberto Luis de Cesaro⁽²⁾

Data de submissão: 9/7/2020. Data de aprovação: 9/9/2020.

Resumo – Este artigo apresenta uma pesquisa realizada no segundo semestre de 2019, cujo objetivo é conhecer as percepções e expectativas dos alunos ingressantes em relação aos cursos do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional (EMIEP), ofertados pelo Instituto Federal Catarinense (IFC) no *Campus* Ibirama. Dentre os principais referenciais utilizados estão Ramos (2017), Araujo e Frigotto (2015) e Moura; Lima Filho; Silva (2015). Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com a produção de dados sendo feita por meio de grupo focal, conforme Gatti (2012), e a análise dos dados resultantes realizada de acordo com Gibbs (2009). Os resultados apontaram a percepção de educação de qualidade oferecida *Campus* como uma importante oportunidade de ingresso em sucedido tanto no mercado de trabalho quanto nos estudos em nível superior. O conhecimento sobre a instituição antes de ingressar no curso mostrou-se bastante vago, dependendo quase exclusivamente do contato direto com alunos, ex-alunos e professores influenciadores. Pode-se observar, ainda, que os estudantes percebem a existência de integração entre as disciplinas e conteúdos estudados, mas não há uma reflexão acerca da concepção de formação integrada como a formação integral e omnilateral do ser humano, nos campos do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia, numa perspectiva emancipatória, crítica e que favoreça o exercício pleno da cidadania.

Palavras-chave: Ensino Médio Integrado. Percepções. Discentes.

The integrated high school education of Instituto Federal Catarinense Campus Ibirama: opportunities and difficulties in the perception of upcoming students

Abstract – This paper presents a research performed in the second semester of 2019, which objective is knowing the upcoming students' perceptions and expectancies regarding to the secondary school courses associated to the professional education, offered by Instituto Federal Catarinense (IFC) at Campus Ibirama. Within the main references are Ramos (2017), Araujo and Frigotto (2015) and Moura; Lima Filho; Silva (2015). To achieve this, a qualitative research, exploratory in nature and the data generation was performed by a focus group according to Gatti (2012) and the resulting data analysis according to Gibbs (2009). The results pointed out the perception of quality education offered at the *Campus* as an important opportunity of successful entering both in the labor market and higher education. The knowledge about the institution before entering in a course showed itself a lot vague, depending almost exclusively on the direct contact with students, ex-students and influential teachers. It is possible to observe, moreover, the students realize the existence of association among subject and the content covered, but there is not a reflection regarding the conception of associated education as the integral and omnilateral formation of human being, in the working fields, of science, culture and technology, in an emancipatory and critical perspective, which favors the full exercise of citizenship.

Keywords: Associated Secondary Education. Perceptions. Students.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, IFC Blumenau. luana.goncalves@ifc.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8583-6365>.

² Professor do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, IFC Blumenau. humberto.cesaro@ifc.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2929-6557>.

Introdução

O tema desta pesquisa é a percepção dos estudantes ingressantes nos cursos de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional (EMIEP) ofertados pelo Instituto Federal Catarinense (IFC), no *Campus* Ibirama/SC, sobre as características do curso escolhido. Nosso objetivo, ao estudar tal tema, é compreender como a comunidade de Ibirama e dos municípios vizinhos, aqui representada pelos discentes ingressantes, percebe os cursos oferecidos pelo *campus*, mais especificamente os cursos do EMIEP.

Esse estudo é importante porque, nos últimos anos, o número de estudantes que se inscrevem para o processo seletivo para ingresso no EMIEP tem sido inferior ao número de vagas em alguns cursos (IFC, 2020a). Essa baixa procura possa ser explicada, em parte, pelo fato de Ibirama ser uma cidade de pequeno porte³, assim como os municípios próximos⁴. Também é possível explicar esse pouco interesse pela existência de outro *campus* do IFC na cidade de Rio do Sul, distante cerca de 30km, que foi constituído a partir de uma escola agrotécnica federal já tradicional na região. Mesmo assim, por compreendermos que existe um público que poderia acessar o EMIEP no *campus* Ibirama, o problema de pesquisa que nos propusemos a responder foi o de apontar as percepções dos estudantes da região sobre os cursos oferecidos. Nossa hipótese baseia-se na ideia de que parte dos estudantes não procuram os cursos oferecidos pelo IFC em Ibirama porque não tem conhecimento sobre o que é EMIEP ou, ainda, desconhecem a própria existência da instituição.

O Ensino Médio Integrado à Educação Profissional, enquanto modalidade de ensino a ofertada aos jovens brasileiros, tem sido campo permanente de disputas de influências em projetos políticos e conceituais. Tais disputas traduzem-se em um constante tensionamento entre a opção por uma preparação para inserção imediata no mercado de trabalho ou como caminho a ser traçado para se alcançar uma formação omnilateral para todos (MOURA, 2013).

Neste sentido, o ensino integrado, muito além de uma simples junção entre um curso de educação básica e um curso de formação profissional, deve contemplar um projeto pedagógico que traga a integração entre teoria e prática, entre formação intelectual e para o trabalho, entre os conteúdos das disciplinas da formação geral e aqueles da formação profissional, opondo-se à dualidade histórica que se impõe entre a formação para o trabalho manual ou intelectual, formação profissional ou propedêutica. Esta oposição à fragmentação serve como princípio pedagógico norteador de práticas formativas que possam desenvolver nos alunos a ampliação de suas capacidades de compreender a realidade na qual se inserem, promovendo a autonomia e a ampliação dos horizontes (ARAÚJO; FRIGOTTO, 2015).

Além disso, os princípios norteadores e as bases conceituais deste ensino integrado assentam-se no conceito de politecnia, o qual, conforme aponta Saviani (2003, p. 140) “diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno”, assim como na formação integral e omnilateral do ser humano, nos campos do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia, numa perspectiva emancipatória, crítica e favorável ao exercício pleno da cidadania. Esta formação pretende oportunizar ao estudante a constituição de uma concepção de todo, que não se restrinja a apenas uma área de conhecimento, para explicar e dar sentido ao mundo e às realizações humanas (AZEVEDO; REIS, 2014).

Por esta razão, uma educação baseada na ideia de politecnia, a qual permita ao estudante compreender os fundamentos do modo de produção capitalista, pressupõe também uma compreensão mais ampla e profunda acerca do mundo do trabalho, suas determinações historicamente construídas e suas imbricações e contradições, tanto sociais quanto econômicas. A partir do alcance desta visão crítica, pelo conhecimento e pelo reconhecimento das

³ De acordo com o IBGE, a população estimada para 2019 é de 18.950 habitantes (IBGE, 2020)

⁴ Apiúna, Lontras, Presidente Getúlio, Dona Emma, Witmarsum e Vitor Meirelles e Acurra, somam, de acordo com a estimativa do IBGE para 2019, 61.368 habitantes (IBGE, 2020).

identidades de classes, torna-se possível questionar estas determinações que estão impostas, visando transformá-las não apenas no plano individual, mas principalmente no âmbito político (RAMOS, 2017).

Destarte, em uma sociedade marcada pela educação escolar baseada no controle, na dominação e em práticas sociais excludentes, a formação humana que busca a emancipação deve voltar-se para a reflexão e a crítica, assumindo-as como possibilidade de promover a autonomia dos indivíduos, tanto intelectual quanto moralmente, para que sejam capazes de interpretar sua realidade de forma crítica e reflexiva e de impor autonomia em seus pensamentos e ações (SILVA, 2014).

Para isto, esta formação deve ter em sua base o princípio educativo do trabalho,

[...] uma vez que, ao se compreender que os bens, produzidos pela sociedade, em benefício da melhoria de sua qualidade de vida, são produtos do trabalho humano, o qual colocou em movimento a produção de conhecimentos e de modos de vida (ciência e cultura), compreende-se, também, que todos são, potencialmente, produtores de novos conhecimentos e capazes de apreenderem os conhecimentos já produzidos. Sendo assim, não faz sentido que esses sejam reservados a uma classe ou a um grupo social. Da mesma forma, não faz sentido delimitar o horizonte de desenvolvimento humano precocemente, seja pela restrição de sua escolaridade, seja pela determinação seletiva dos tipos de conhecimentos a que o estudante poderá ter acesso, em quantidade e qualidade, pelo lugar ocupado na divisão social do trabalho (RAMOS, 2017, p. 29).

Desta maneira, é fortalecida a necessidade de uma educação profissional que não se limite ao atendimento dos interesses imediatos, pragmáticos e utilitários do mercado, mas que promova “a compreensão do mundo do trabalho, o aprimoramento da capacidade produtiva de conhecimentos, o estímulo à utilização de novas tecnologias e de curiosidade investigativa dos estudantes [...]” (SILVA, 2014, p. 71). Nesta perspectiva, distintamente do mercado de trabalho, no qual os indivíduos apenas vendem sua força de trabalho em troca de remuneração, o mundo do trabalho engloba a complexidade da realidade social e da produção da vida, incluindo todas as atividades econômicas, culturais e de produção da existência humana.

A necessidade de ingresso precoce dos jovens na vida laboral, no entanto, pode muitas vezes levar à necessidade de profissionalização precoce ou mesmo abandono dos estudos em detrimento de prover seu próprio sustento (MOURA; LIMA FILHO; SILVA, 2015). Assim, o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional (EMIEP) pode ser encarado como uma forma de terminar a educação básica já contando com uma formação profissional.

Neste sentido, o trabalho manifesta-se como tema central no cotidiano juvenil e traz consigo significados diferentes para os jovens, ligados às suas experiências e visões de futuro. Dayrell (2007, p. 1109) corrobora este quadro ao ressaltar que

No Brasil, a juventude não pode ser caracterizada pela moratória em relação ao trabalho, como é comum nos países europeus. Ao contrário, para grande parcela de jovens, a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham, garantindo o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou o consumo. Mas isso não significa, necessariamente, o abandono da escola, apesar de influenciar no seu percurso escolar. As relações entre o trabalho e o estudo são variadas e complexas e não se esgotam na oposição entre os termos. Para os jovens, a escola e o trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas, de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil.

Diante deste contexto, uma educação omnilateral, baseada na ideia de politécnica e do princípio educativo do trabalho pode ajudar a pensar a escola como uma instituição que proporcione aos jovens a imprescindível interlocução entre a educação ofertada nas escolas e o mundo do trabalho, considerando as múltiplas dimensões da formação humana e contribuindo para o desenvolvimento integral dos seres humanos. Para que isto ocorra, há a exigência de se estar atento às múltiplas dimensões que marcam a sua condição juvenil e demanda-se uma

escola que faça sentido para a vida em geral, que permita compreender a realidade e conectar o que se aprende na escola com o seu cotidiano (LEÃO; NONATO, 2014).

Materiais e métodos

Para dar conta do objetivo desta pesquisa, optamos por seguir uma abordagem qualitativa de caráter exploratório. Segundo Minayo (2012), a abordagem qualitativa envolve responder às questões relacionadas ao universo dos sentidos, significados, crenças, valores e atitudes humanas. Como esses dados não estão visíveis para serem quantificados, é necessário que eles sejam produzidos na relação entre pesquisadores e participantes do estudo e interpretados pelos primeiros. Trata-se também de um estudo exploratório, pois esse tema ainda é pouco abordado, provavelmente devido à juventude da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, e nossa intenção, neste momento, é traçar um panorama inicial do fenômeno.

Este projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEPESH para avaliação dos protocolos de pesquisa apresentados, com vistas ao atendimento dos preceitos ético-científicos e da proteção da integridade e dignidade dos participantes, com a aprovação obtida pelo Parecer Consubstanciado de número 3.345.488 de 04 de maio de 2019.

Os dados foram gerados por meio de um grupo focal, pois o trabalho com grupos focais produz uma grande quantidade de informações em um período mais curto em comparação com outras técnicas, como, por exemplo, entrevistas individuais ou observação. Além disso, proporciona uma exposição mais ampla de ideias e perspectivas, facilita a compreensão dos processos de construção da realidade, representações, percepções, valores e simbologias predominantes no grupo pesquisado (GATTI, 2012).

Para o grupo focal, foram convidados todos os estudantes das quatro turmas dos primeiros anos dos cursos do EMIEP do IFC *Campus* Ibirama, num total de aproximadamente 100 alunos. O convite foi feito pessoalmente por um dos autores durante o período de aulas, nos dias 4 e 5 de novembro de 2019. Os voluntários interessados compareceram a um único encontro, no dia 13 de novembro de 2019, fora do horário de aula. De acordo com o número de voluntários presentes, seriam formados grupos focais: no máximo três (uma para cada curso), com 6 a 8 participantes cada. Como o número total de voluntários foi baixo, optou-se por juntar todos os alunos em único grupo, pois, considerando que a intenção é abordar os assuntos em profundidade e com maior interação, o grupo não pode ser excessivamente pequeno (GATTI, 2012). Assim, o grupo focal contou com a participação de sete estudantes, sendo duas alunas do curso de Vestuário, duas alunas do curso de Administração e três alunas do curso de Informática. Considerou-se que este número de participantes foi suficiente para obter representatividade significativa, pois estavam presentes estudantes de todas as turmas dos primeiros anos da instituição.

As questões abordadas dividem-se em duas categorias centrais: percepções sobre o IFC *Campus* Ibirama e percepções sobre o curso de EMIEP. Estas questões foram elencadas num roteiro para o grupo focal com vistas a realizar os objetivos propostos. A realização do grupo focal teve início com uma apresentação feita por uma das autoras, abordando os procedimentos de gravação que seriam realizados, repassando as questões éticas já apresentadas e dando início às discussões.

O tratamento e análise do material resultante das gravações, com a finalidade de interpretar os dados empíricos obtidos, compreendê-los e articulá-los com as bases teóricas elencadas, foi realizado de acordo com Gibbs (2009). Inicialmente, os dados obtidos durante as gravações foram transcritos, constituindo a etapa preparatória do material para a análise. Na transcrição, todos os nomes das estudantes participantes, bem como das escolas e professores citados, foram alterados para pseudônimos, a fim de preservar o sigilo dos participantes. A partir deste material, foi feita a codificação dos dados, registrando as partes do texto que tratam

da mesma ideia, de forma a estabelecer uma estrutura. A etapa seguinte corresponde à análise comparativa, na qual estes códigos foram organizados hierarquicamente de acordo com as semelhanças e coincidências dos assuntos, separando-se de acordo com a questão à qual estão respondendo, formando as categorias centrais. Dessa forma, a comparação e hierarquização dos códigos correspondentes aos temas das respostas obtidas na pesquisa possibilita a construção de uma análise detalhada e o desenvolvimento da compreensão sobre a visão de mundo dos pesquisados e a realização de interpretações à luz dos referenciais teóricos.

Resultados e discussões

Apresenta-se a seguir a análise produzida, demonstrando os principais comentários e observações feitos pelos estudantes durante as discussões realizadas, tendo como aspecto basilar as duas categorias selecionadas. Inicialmente, abordaremos as percepções sobre o *campus*.

1 Percepções sobre o Campus Ibirama

Nesta categoria, são tratados assuntos referentes aos motivos pelo qual os estudantes escolheram estudar no IFC *Campus* Ibirama, quais seriam as alternativas que teriam no caso de não serem admitidos no exame de ingresso e as principais diferenças que sentem em relação à escola na qual estudavam anteriormente.

1.1 Motivos de escolha

Foram apontados motivos referentes à influência dos pais, professores e ex-alunos do IFC, destacando a percepção de educação de qualidade oferecida. Do mesmo modo, a identificação do estudante com a área técnica do curso é considerada importante, como demonstrado nos trechos a seguir:

Celene: O meu professor de matemática, que ele fez a faculdade, não sei ao certo, no Campus de Rio do Sul, ele sempre falou que a educação federal é de excelente qualidade, então ele sempre incentivou a nossa turma a buscar ingressar no IFC.

Pode-se observar que a percepção de ensino de qualidade fica bastante clara na fala de Celene: “a educação federal é de excelente qualidade”, assim como a importância da influência pessoal de professores e amigos que já estudam no IFC, como reiterado no trecho a seguir:

Alcione: Só que aí, os professores também, tinha um professor de matemática que era o Wesley, ele falava que, sempre né, ele e a professora Maria, que era muito bom estudar aqui, e que seria uma grande oportunidade pra gente, fazer o IF e um curso integrado junto. Aí eu decidi que eu queria fazer informática porque era a área que eu mais me identificava.

Esta ideia de educação de qualidade ofertada pelo IFC apontada pelas estudantes alinha-se à visão institucional de “Ser referência nacional em educação profissional, científica e tecnológica, para o mundo do trabalho, por meio da formação cidadã” (IFC, 2020b). Fica aparente, entretanto, a necessidade de maior divulgação da instituição, pois o conhecimento sobre a oferta dos cursos ainda depende da comunicação boca a boca:

Maia: E eu sempre tive um interesse em administração e apesar da minha escola não influenciar muito a gente a tentar ir pra outra escola, eu tentei fazer porque muita gente falava, principalmente meninas que estudavam aqui, estudaram já, que o ensino é de muito boa, é uma qualidade excelente também, e que muita gente se reconheceu com o curso que fazia né, então eu fui também no curso que eu mais me identifiquei.

Esta situação também esteve presente no panorama retratado por Imhof (2016), no qual a maioria dos respondentes relatou ter tomado conhecimento acerca do IFC pela comunicação direta com familiares, professores e amigos. Quanto aos motivos apontados para escolha da instituição Imhof (2016) relata que 56% dos respondentes fez a opção pelo IFC baseando-se na ideia de que teriam melhor qualidade do ensino. Ainda, no tocante à motivação para a escolha

do curso, a afinidade com a área do curso foi um fator decisivo para 40% dos respondentes. Outros 40% disseram que a oferta da formação profissional foi determinante.

Do mesmo modo, o estudo realizado no *Campus* do IFC em Videira, por Pagno (2014), aponta que a maioria dos estudantes entrevistados se encontra no IFC pela qualidade percebida no ensino médio integrado, com a expectativa de preparar-se para o ingresso na universidade. Em contrapartida, um terço dos estudantes escolheu o curso devido à formação profissional.

1.2 Opções diante da desclassificação no exame de acesso

Para a maior parte dos estudantes, a opção diante da não aprovação para cursar o EMIEP seria cursar o ensino médio regular na escola pública, aliado ao ingresso no mercado de trabalho:

Alcione: [...] Pra mim, eu ia ficar no Colégio Atlas, e..., sei lá, trabalhar, porque eu teria o trabalho né, porque minha mãe trabalha no Hospital e eu ia ser, atender os telefonemas lá e ia trabalhar e ia estudar de noite.

Maia: É, que tem o Jovem Aprendiz, que a gente faz curso e trabalha, então eu ia fazer isso e também estudar à noite.

Nos discursos de Alcione e Maia destaca-se que, sem a possibilidade de cursar o EMIEP, o ingresso no mercado de trabalho é caminho impreterível, tornando muito reduzido o tempo disponível para se dedicar aos estudos. Ainda assim, existe a pretensão de continuidade nos estudos para o nível superior:

Celene: [...] eu também iria trabalhar, e eu seria obrigada a continuar estudando no ensino médio porque parar um ano, esperar a próxima prova, seria tipo, perda de tempo. Só que aí eu continuaria provavelmente estudando no Colégio Plêiades, e depois eu tentaria entrar na graduação de Moda, porque eu quero fazer esse curso, eu quero continuar.

Estes depoimentos corroboram a ideia defendida por Dayrell (2007) de que a necessidade de trabalhar precocemente é determinante na juventude brasileira. Neste sentido, Kuenzer (2009) explica que para grande parte dos jovens não é possível ter acesso à educação de nível superior sem exercer um trabalho que possa sustentá-los. Por esta razão é fundamental que o ensino médio proporcione ao estudante uma formação capaz de atender a esta dupla diligência: proporcionar o acesso ao trabalho e permitir a continuidade dos estudos. A oferta do EMIEP, assim, é uma importante alternativa a este cenário, proporcionando uma formação mais abrangente, com a educação profissional anterior ao ingresso dos estudantes no mercado de trabalho.

1.3 Diferenças em relação à escola anterior

A questão da infraestrutura, que as estudantes consideram muito melhor do que a escola anterior, é uma das diferenças que causaram maior impacto na percepção das alunas:

Aster: Então vamos começar falando, primeira coisa que a gente chega aqui e vê, cara, que estrutura! Tipo assim, por exemplo lá no Colégio Atlas né, pra ter um data show na sala, um retroprojektor, aí eles tinham que ir lá na sala de informática, reservar... aqui já tem uma estrutura diferente, já tem um data show por sala. Tem uma biblioteca muito maior, mais equipada, tem computadores acessíveis pra gente.

Taiga: Eu acho que aqui, realmente, a infraestrutura é muito melhor. Lá no Colégio Atlas, a nossa biblioteca era, tipo, uma velhinha, que ela anotava os livros que a gente pegou...

Tal como relatado nas falas de Aster e Taiga, ter à disposição uma biblioteca atualizada, com obras relevantes e adequadas às ementas propostas em cada curso é um ponto importante na percepção das alunas.

A deficiência de infraestrutura básica na escola anterior também é mencionada:

Maia: E a estrutura do colégio era aquela coisa né, não tinha data show, como ela falou, tinha até data show, só que a gente tinha que ficar reservando pra ter acesso,

os banheiros também eram um negócio assim que não tinha papel higiênico, não tinha sabonete líquido...

Outro fator apontado como importante está relacionado à ótima atuação dos professores, seu comprometimento com os processos de ensino-aprendizagem:

Taiga: Aqui os professores entendem, tratam a gente não como crianças ou como que eles são obrigados a tá ali pra dar aula pra gente. Eles tão ali mesmo por querer ensinar pra gente o que eles aprenderam, que eles gastaram tanto tempo da vida deles aprendendo.

Celene: Ai eu..., eu gostei bastante, tipo, porque eu me identifico com os professores, eu me dou bem com todos tipo, porque, quase todos, têm uma linha de pensamento muito parecida com a minha, tipo, eu estudava no Colégio Pleione e a professora, os professores, tanto os professores quanto a diretora, eram muito mente fechada, tipo, eles ditavam o que era certo e a gente não podia ser diferente. A gente tava, tipo, no nono ano e a gente era, tipo, criança pra eles, sabe? E eu acho que os professores trataram a gente como adultos aqui é muito bom porque, tipo, de certo modo, dá muita experiência e a gente já se sente mais confiante.

De maneira análoga, no estudo realizado por Imhof (2016), os entrevistados apontaram a qualificação do corpo docente como um grande diferencial da instituição em relação às outras escolas, assim como o ensino de qualidade e a formação profissional. A questão da infraestrutura, por outro lado, não foi mencionada. Isso deve-se ao fato de que, por se tratar das primeiras turmas de estudantes do IFC Campus Ibirama, ao chegarem, encontraram um *campus* em fase de inicial de instalação, ainda adequando a estrutura recebida de uma antiga escola para as necessidades da nova realidade. Desde então, diversas reformas e ampliações têm sido realizadas, além da construção de laboratórios e da nova biblioteca e do constante investimento na melhoria de seu acervo bibliográfico.

Outra questão sinalizada pelas alunas é a percepção de uma maior liberdade em relação às escolas anteriores, sem a obrigação do uso de uniformes e do sinal para controle de horários, o que exige dos alunos mais maturidade e responsabilidade para o cumprimento das atividades:

Celene: [...] até comparando com o pessoal de outras escolas do ensino médio, tipo, os meus amigos daqui são totalmente diferentes dos de lá, aqui eles são, tipo, mais maduros, mais responsáveis.

Maia: Então, é... ensina um pouco mais a gente a correr atrás do que a gente precisa e também a gente tem mais oportunidade de aprender aqui.

Esta percepção de maior liberdade deve-se em parte à organização pedagógica verticalizada, um dos fundamentos dos Institutos Federais, a qual busca oferecer na mesma instituição educação básica e superior, permitindo otimizar a infraestrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão. Esta organização permite aos docentes a atuação em diferentes níveis de ensino, possibilitando que os discentes compartilhem os espaços de aprendizagem, construindo vínculos entre diferentes níveis e modalidades de ensino, buscando assim a construção da autonomia dos educandos (PACHECO, 2011).

A existência do apoio pedagógico prestado pelos professores é outro ponto importante no processo de adaptação dos estudantes ingressantes, pois há um aumento considerável na quantidade e complexidade dos conteúdos das matérias.

Celene: Eu realmente era a melhor aluna da sala e, tipo, aqui... tem gente melhor e eu me sinto muito mal, tipo, eu me desanimo muito. Só que aí tem professores que, tipo, te incentivam a continuar porque tu é, tu é bom do teu jeito, sabe, então.

Além disso, na fala de Maia fica evidente que o auxílio prestado pelos monitores e as bolsas de pesquisa e extensão são significativos para a melhoria na aprendizagem:

Maia: Além do que elas falaram, uma coisa que eu achei bem interessante quando a gente entrou aqui é a monitoria, as bolsas de monitoria também, o pessoal do terceiro, assim, que ganha essas bolsas, que a gente pode marcar qualquer hora e

eles vão ajudar a gente assim, então, apesar da gente correr atrás, eles tão ali pra quando a gente precisa e a gente nunca teve isso, por exemplo, na nossa escola era ou tu aprende o conteúdo ou tu se vira pra aprender ou tu tira nota baixa, sabe. [...] aqui assim tu realmente tem chance de aprender, que os professores também são ótimos.

O programa de monitoria foi regulamentado no IFC pela Resolução Consuper 066/2016, sendo implantado no *Campus Ibirama* a partir do Edital N° 05/2017 e tendo como finalidade “fortalecer a articulação entre teoria e prática e a integração curricular em seus diferentes aspectos, assim como promover a cooperação mútua entre discentes e docentes e permitir ao estudante a experiência com as atividades técnico-didáticas” (IFC, 2016). São oferecidas oito vagas para monitores com bolsa, por meio de edital publicado anualmente, prevendo um aporte de orçamento para pagamento das bolsas, no valor mensal de R\$ 200,00 para alunos do ensino médio e R\$ 400,00 para alunos do ensino superior (IFC, 2020c).

Estes depoimentos deixam clara a necessidade que os estudantes têm, principalmente nesta fase de adaptação à nova rotina, de auxílio pedagógico, representado aqui pela ação dos monitores, os quais já tem mais experiência no EMIEP e possivelmente já enfrentaram situações semelhantes.

Uma segunda categoria envolve de forma mais específica as percepções sobre as características do curso.

2 Percepções sobre o curso

Esta categoria abarca a percepção dos estudantes em relação ao ensino integrado, se acreditam que haja integração no curso no qual estudam, quais as maiores dificuldades que encontraram quando ingressaram, as vantagens e os pontos passíveis de melhoria percebidos.

2.1 Percepção sobre o ensino integrado

Neste ponto do diálogo, as alunas foram encorajadas a exporem suas percepções sobre a formação integrada, o currículo do curso integrado e as conexões entre as matérias. A maioria considera que há integração entre as matérias da formação geral e as da formação técnica, como exemplificado na fala de Alcione:

Alcione: Eu acho bacana que, por exemplo, a gente teve um trimestre que a gente teve história, artes e filosofia, se eu não me engano, e essas matérias elas tavam se condizendo, tava passando tudo sobre o mesmo assunto que a gente tava tendo, elas caminharam juntas. Foi bem interessante, porque a gente tinha uma aula de história e ela se complementava em filosofia e em artes.

Além disso, existe o projeto integrador (PI), que é um componente curricular o qual envolve todas as disciplinas cursadas no semestre:

Celene: A gente tem história do vestuário e, tipo, se relaciona com filosofia e história, tipo, português também, tipo, a professora passa o contexto histórico, essas coisas, e da parte técnica todas as matérias se completam, tipo, realmente todas as matérias se completam e, fora o projeto integrador, porque isso é uma relação entre todas, tipo, a gente realmente utiliza todas as matérias do curso no projeto, tipo tem risco e corte que se relaciona com costura, e no PI é tudo mesmo.

Nota-se, porém, que não é difundida, entre os estudantes, a concepção de formação integrada como a formação integral e omnilateral do ser humano, nos campos do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia, numa perspectiva emancipatória, crítica e que favoreça o exercício pleno da cidadania. Esses aspectos perpassam mais como uma questão apenas de organização didática e curricular.

Integrar, porém, compreende mais do que a organização formal, apesar desta ser uma dimensão importante, pois a segregação de conhecimentos e a duplicação das cargas horárias caminham em direção oposta à da integração. Integrar vai além disso, e para tanto é necessário que se construam relações, interconectando a própria organização curricular e concretizando o

processo de ensino e aprendizagem por meio do sucesso escolar dos estudantes, pelo menos a maioria deles (RAMOS, 2010).

Na pesquisa realizada por Pagno (2014), os estudantes EMIEP do curso de Agropecuária percebem conexão entre os conceitos de diversas áreas, apontando o que interliga cada componente curricular. Já entre os alunos de Eletromecânica, existem opiniões divergentes, alguns são favoráveis à integração e outros não, demonstrando que não é apenas entre os docentes que pode haver resistência à integração. No curso de Informática, é relatada a dificuldade em realizar a integração devida à especificidade dos assuntos e da distância entre a programação e os professores do ensino médio.

2.2 Dificuldades encontradas no curso

As maiores dificuldades relatadas pelas estudantes dizem respeito a questões de adaptação à nova rotina e às questões didáticas, maior quantidade de matérias, maior dificuldade e complexidade dos assuntos, queda nas notas em relação à escola anterior, grande quantidade de provas e trabalhos exigidos no mesmo período de tempo, maior necessidade de dedicação aos estudos e menor tempo para o lazer.

Maia: Eu acho que se adaptar, assim, também, pra quem não estudava em ensino integral foi a coisa mais difícil, que às vezes a gente tinha aula o dia inteiro, aí a gente chegava na última aula a gente só queria dormir, ou ir pra casa e fazer alguma coisa. Porque, assim, no começo foi bem cansativo e a gente não conseguia se adaptar direito.

Celene: Eu levei o primeiro trimestre todo pra me acostumar, porque se for comparar, tipo, as minhas notas do primeiro trimestre, não consegui estudar direito, tipo, cansava muito fácil, e no segundo trimestre pro terceiro as minhas notas aumentaram bastante, tipo, eu consegui... to me adaptando bastante, to conseguindo me organizar direito.

Os depoimentos evidenciam a grande transição que ocorre na vida escolar destes estudantes, os quais, em sua maioria, cursaram o nono ano do ensino fundamental em apenas um período, matutino ou vespertino. Além da mudança de ambiente, no ensino médio integrado, a carga horária é mais extensa: em torno de trinta e duas horas-aula por semana numa média de dezoito diferentes disciplinas (IFC, 2019). Há ainda a necessidade de dedicar tempo às atividades extraclasse, como trabalhos e estudo para avaliações. Todas essas mudanças exigem grande esforço dos estudantes para adaptação, o que pode gerar dificuldades na aprendizagem, desmotivação e, em alguns casos, até a evasão escolar.

Taiga: É muito choque de realidade, tipo, tu poder ter mais de duas provas por dia ou por semana, chegava a ter seis provas por semana, sabe, sendo que tipo, duas matérias de exatas, duas matérias que tu não tem muita facilidade no mesmo dia, tu tem que estudar isso, nunca pode deixar pra última hora, porque na última hora tu vai ter que fazer três trabalhos, estudar pra duas provas assim pro outro dia ou terminar logo.

Aster: É literalmente o que as pessoas que já estudavam aqui disseram pra mim, o difícil não é entrar, não é fazer a prova e passar, o difícil é se manter, porque tu tem que ter muito equilíbrio, tanto emocional, vou dizer por mim, tanto saber equilibrar quando é hora de fazer trabalho, porque eu não era acostumada a estudar, eu tirava, tipo, eu era a aluna da média e agora caiu um pouco mais assim...

Esta situação também foi encontrada em Imhof (2016). Na ocasião, os principais obstáculos encontrados pelos respondentes eram a problemas de adaptação ao período de estudos integral, com uma grande quantidade de provas e trabalhos; dificuldades na compreensão das disciplinas estudadas; falta de estrutura física adequada, não havendo opções de alimentação nas instalações (como mencionado anteriormente a situação das instalações do *campus* vem sendo aperfeiçoada constantemente e hoje a cantina está disponível) e a dificuldade financeira em manter-se no curso.

2.3 Vantagens do curso

O assunto de destaque na conversa sobre as vantagens de cursar o EMIEP refere-se às oportunidades de preparação para o mercado de trabalho, com a percepção de maior chance de empregabilidade oferecida pelo curso técnico. Novamente, no discurso de Celene e Maia, o trabalho é apontado como fator determinante na vida das alunas:

Celene: Oportunidades, porque eles já acostumam a gente com o mercado de trabalho, aí a gente já tá bem encaminhado, na minha opinião.

Maia: Por exemplo, no meu curso, a gente pode trabalhar com coisas diferentes, então é uma área bem ampla, e isso, pra mim, abre muita oportunidade no mercado de trabalho, então, eu acho que, assim, esse é o diferencial, sabe, além do ensino excelente que a gente tem nas matérias normais, esse técnico é uma diferença imensa quando a gente vai procurar um emprego, até a gente achar alguma coisa que a gente realmente queira fazer.

Outras importantes questões destacadas como vantagens foram a possibilidade de aprofundamento na área cursada no EMIEP e a preparação para o nível superior, assim como a ampliação do círculo social:

Electra: A gente tem o TCC também né, no terceiro ano, que ajuda a entender um pouco como é quando chegar na faculdade.

Taiga: O que a gente tá passando agora provavelmente as pessoas que tão no ensino normal vão passar quando entrarem na faculdade, a gente mais fácil, a gente já vai ter essa experiência.

Mélope: O meu social melhorou depois que eu entrei no IF.

Alcione: Claro, até porque a gente acaba conhecendo gente nova quando a gente entra aqui, então ter amizades diferentes, sai do círculo social que você tinha antes e entra em outros.

De forma símil, Imhof (2016) trouxe como pontos positivos destacados pelos respondentes novamente o ensino de qualidade, a qualificação dos professores, a preparação para o ensino superior, a oportunidade de participar nos projetos de iniciação científica, além da melhoria na sociabilidade e o amadurecimento proporcionado pelo curso.

Já em Pagno (2014), a maioria dos participantes da pesquisa afirma que o curso está fazendo diferença em suas vidas, tanto no quesito aprendizagem quanto no desenvolvimento de práticas, habilidades e técnicas de estudo. Para eles, cursar o EMIEP no IFC oferece muitas oportunidades, como participar projetos de Iniciação Científica com o recebimento de bolsas de estudo, a realização dos seminários integrados, além da chance de ir a feiras, congressos, olimpíadas e mostras. Além disso, os estudantes também “consideram a realização do curso e a formação profissional adquirida um referencial de segurança para iniciar a busca para o primeiro emprego e conquistar o seu espaço no competitivo mundo do trabalho” (PAGNO, 2014, p. 143).

Constata-se, mais uma vez, a centralidade do trabalho no cotidiano juvenil. Embora estes estudantes não estejam ainda atuando, a preocupação com a empregabilidade futura é bastante presente nos discursos, buscando a formação profissional como uma luz que possa guiá-los na vasta escuridão de incertezas do mercado de trabalho.

2.4 Pontos a serem melhorados

As estudantes expressaram a preocupação com a recepção dos ingressantes no primeiro dia e a integração geral entre as turmas:

Maia: É, então eu acho que falta empatia e consideração, assim, de outras turmas com a gente, sabe. Eu acho que a gente entra, o pessoal do primeiro ano entra muito assustado, e aí tu pensa, meu deus, onde é que eu tô, pra onde eu vou, o que eu tenho que fazer agora, e às vezes o pessoal não tem um pouco de empatia e pensa, pô, vou ajudar aquela pessoa que tá perdida, se ela não sabe alguma informação, assim, sabe, porque, eu lembro que eu cheguei aqui no primeiro dia e tinha aquelas construções ainda, tinha aquela rede e tava todo mundo acumulado e aí já começou o pessoal do segundo ano, se não me engano, da Vest, só que da Vest do segundo ano e do terceiro,

chegando assim, sai da frente calourada e começou a xingar, assim, sabe, e a gente tava tudo assustado, que a gente não sabia o que fazer, pra onde ir sabe, ninguém informou isso pra gente.

O desgaste causado pela sobrecarga de provas e trabalhos fica evidente na fala de Maia:

Maia: Acho que isso é consequência do estudo de qualidade daqui, tem muita matéria, tudo de uma vez só, e os professores falam tipo, eu sei que vocês tem mais dezesseis professores mas eu vou passar um trabalho que é pra semana que vem gigante, não vou dar nenhuma instrução pra vocês e vocês que se virem, mesmo que vocês tenham mais cinco trabalhos pra fazer pelo mesmo dia e mais duas provas.

Também há problemas em relação à alimentação, pois almoço não é fornecido aos estudantes. Debilitação na condição física e estado de saúde percebido também foram relatados:

Taiga Esse ano eu entrei aqui, eu já tive problema de estômago, eu tô com gripe, tipo, dois meses já quase, eu tô ficando muito mais doente, mais fácil, eu tô comendo muita besteira, às vezes nem dá vontade de comer, sabe. Não tem opção pra gente comer uma coisa mais saudável a não ser que a gente traga de casa, sabe.

Aster: Eu senti muita diferença na minha disposição, tipo, eu tô muito mais cansada, eu tô sempre com sono, eu odiava dormir, e agora qualquer hora que dá pra dormir eu tô, tipo, baixando a cabeça e descansando, então, eu perdi muita disposição, e também tô me alimentando muito pior do que antes, porque eu comia em casa, a escola dava um tipo de lanche diferente, tinha feijão, arroz, peixe, iogurte com fruta, era um lanche mais reforçado, tinha nutricionista e tal...

Atualmente, o *Campus Ibirama* não conta com a opção refeitório próprio e não oferece almoço para seus discentes. Isso deve-se ao fato de que os recursos financeiros repassados pelo Governo Federal para alimentação, vinculados ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) são suficientes apenas para custear um lanche composto por frutas ou biscoitos: o valor repassado por dia letivo para estudantes do ensino integral é de apenas R\$ 1,07 por aluno (BRASIL, 2020). Este lanche é, então, distribuído diariamente, nos intervalos entre as aulas nos períodos matutino e vespertino. As opções para alimentação durante o horário de almoço dentro do próprio *Campus* ficam restritas à compra dos lanches oferecidos pela cantina.

Considerações finais

O trabalho buscou conhecer as percepções dos alunos ingressantes nos cursos de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional ofertados pelo IFC – *Campus Ibirama*. Diante do exposto, pode-se notar que a valorização da formação de qualidade, oferecida de maneira pública e gratuita pelo *Campus*, para eles, é uma importante oportunidade de sucesso no ingresso futuro no mercado de trabalho, bem como da continuidade dos estudos em nível superior. É relevante, também, apontar que o conhecimento sobre a instituição antes de ingressar no curso era bastante vago, dependendo quase exclusivamente do contato direto com alunos, ex-alunos e professores influenciadores.

Pode-se observar que os estudantes percebem a existência de integração entre as disciplinas e conteúdos estudados, mas não há uma reflexão acerca da concepção de formação integrada como a formação integral e omnilateral do ser humano, nos campos do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia, numa perspectiva emancipatória, crítica e que favoreça o exercício pleno da cidadania.

Os desafios enfrentados pelos alunos ingressantes dizem respeito, em sua maioria, às dificuldades de adaptação ao período integral de estudos, e à grande complexidade e diversidade de assuntos estudados, em comparação ao estudado no ensino fundamental. Destacou-se, assim, a importância da oferta de apoio pedagógico para auxiliar na adaptação dos estudantes. Como pontos a serem melhorados, foram citados o acolhimento aos novos estudantes, a integração entre as turmas e a oferta de alimentação ara o horário de almoço.

Por fim, considerando que para que haja a construção do conhecimento, deve-se compreender a realidade dos sujeitos no processo de ensino-aprendizagem, é fundamental conhecer melhor tal realidade, representada aqui pelas percepções dos alunos ingressantes. Desta maneira, as perspectivas apontadas nesta pesquisa podem auxiliar na identificação do perfil dos discentes público-alvo do EMIEP, o que poderá ser utilizado para a melhoria dos processos educacionais, bem como para a majoração da amplitude do alcance da educação ofertada pelo IFC - *Campus Ibirama*.

Referências

ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, v. 52, n. 38, p. 61-80, 15 ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrr.br/educacaoemquestao/article/download/7956/5723/>. Acesso em: 8 jun. 2020.

AZEVEDO, Jose Clovis de; REIS, Jonas Tarcísio. Democratização do Ensino Médio: a reestruturação curricular no RS. In: AZEVEDO, Jose Clovis de; REIS, Jonas Tarcísio. (org.). **O Ensino Médio e os desafios da experiência: movimentos da prática**. São Paulo: Fundação Santillana: Moderna, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE. **Resolução nº 06, de 08 de maio de 2020**. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/acesso-a-informacao/institucional/legislacao/item/13511-resolu%C3%A7%C3%A3o-n%C2%BA-6,-de-08-de-maio-de-2020>. Acesso em: 8 jun. 2020.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>. Acesso em: 08 mai. 2020.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Conheça cidades e estados do Brasil**. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 3 jun. 2020.

IFC – INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. Conselho Superior. Dispõe sobre a regulamentação do Programa de Monitoria do Instituto Federal Catarinense. **Resolução Nº 066 – CONSUPER/2016**. Disponível em: <http://consuper.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/14/2016/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-066-2016-Disp%C3%B5e-sobre-regulamenta%C3%A7%C3%A3o-do-programa-de-monitoria-do-IFC-1.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2020.

IFC – INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. Seleção de monitores para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense – *Campus Ibirama*. **Edital Nº 05/2017 DG/IFC – Campus Ibirama**. Disponível em: <http://editais.ibirama.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/3/2017/02/Edital-05-2017-Monitoria.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2020.

IFC – INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. **Horário Ensino Médio Integrado 2019**. Disponível em: http://ibirama.ifc.edu.br/wp-content/uploads/2019/08/Horario_2019-V26_2-Integrado-Color.pdf. Acesso em: 8 jun. 2020.

IFC – INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. **Índice Candidato x Vaga** – Técnicos integrados 2016 a 2020. 2020a. Disponível em: <http://ingresso.ifc.edu.br/category/tecnico-integrado/indice-candidato-x-vaga-tecnico-integrado/>. Acesso em: 3 jun. 2020.

IFC – INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. **Missão e visão**. 2020b. Disponível em: <http://ifc.edu.br/missao-e-visao/>. Acesso em: 3 jun. 2020.

IFC – INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. Edital de seleção de monitores para o Instituto Federal Catarinense – *Campus Ibirama*. **Edital N° 01/2020** – *Campus Ibirama*. 2020c. Disponível em: <http://editais.ibirama.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/3/2020/02/EditalMonitoria2020.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2020.

IMHOF, Sonia Schappo. **Formação em cursos de Ensino Médio Profissionalizante: perspectivas de continuidade dos estudos e inserção no mercado de trabalho**. 2016. [165] f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste de Santa Catarina. Programa de Mestrado em Educação, Joaçaba, SC, 2016.

KUENZER, Acacia Zeneida. **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LEÃO, Geraldo; NONATO, Symaira. Caderno 6. Juventude e trabalho. In: CORREA, Licinia Maria; ALVES, Maria Zenaide; MAIA, Carla Linhares. (org.). **Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOURA, Dante Henrique. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 705-720, set. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022013000300010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 17 mar. 2020.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. Politecnicidade e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 63, p. 1057- 1080, Dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782015000401057&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 mai. 2020.

PACHECO, Eliezer. **Os Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. São Paulo: Moderna, 2011.

PAGNO, Denise Danielli. **Ensino médio integrado à educação profissional: percepções e expectativas dos estudantes**. 2014. [165] f. Dissertação (Mestrado em Educação) –

Universidade do Oeste de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Educação, SC, 2014.

RAMOS, Marise Nogueira. Ensino Médio Integrado: Ciência, Trabalho e Cultura na Relação entre Educação Profissional e Educação Básica. *In*: MOLL, Jaqueline (org.). **Educação Profissional e Tecnológica no Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

RAMOS, Marise Nogueira. Ensino Médio Integrado: lutas históricas e resistências em tempos de regressão. *In*: ARAÚJO, Adilson Cesar; SILVA, Claudio Nei Nascimento da (org.). **Ensino Médio Integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: Ed. IFB, 2017.

SAVIANI, Demerval. **A nova lei da educação (LDB): limite, trajetória e perspectivas**. 8. ed. São Paulo: Autores Associados, 2003.

SILVA, Monica Ribeiro da. Juventudes e Ensino Médio: possibilidades diante das novas DCN. *In*: AZEVEDO, Jose Clovis de; REIS, Jonas Tarcísio (org.). **O Ensino Médio e os desafios da experiência: movimentos da prática**. São Paulo: Fundação Santillana: Moderna, 2014.